

# População deve discutir retirada do mastro

Quatro arquitetos acreditam que há questões mais importantes que a Praça dos Três Poderes

FERNANDO PINTO  
Repórter Especial

**Tombar ou não tomar, tirar ou não tirar o mastro — isto não é tão importante assim em relação à Praça dos Três Poderes. Pelo menos é o que pensam quatro arquitetos identificados com a paisagem humana e cultural do Distrito Federal. Philippe Torelly, por exemplo, como membro da Comissão Cidade do Sindicato dos Arquitetos acredita que outras providências mais urgentes já deviam ter entrado na pauta do governo: "Em Brasília há um déficit de mais de 100 mil moradias e isto é absolutamente prioritário". Por sua vez, o presidente do Instituto dos Arquitetos de Brasília, professor Aleixo Furtado, afirma que "não se**

pode pura e simplesmente transformar a praça num museu". Sobre o assunto, o presidente (licenciado) do Sindicato dos Arquitetos, Orlando Cariello, lembra que foi preso no dia da tentativa de inauguração "daquela porcaria que se chama mastro", mas acha que não se deve fazer nada sem antes de uma ampla consulta popular. Com a tese de se auscultar previamente a opinião pública também concorda Briane Panitz Bicca, coordenadora do grupo Pró-Memória (Ministério da Cultura) que há cinco anos faz levantamento completo sobre os monumentos da cidade. E aproveita para fazer um desabafo:

— "Não se deve fazer da Praça dos Três Poderes mostruário de monumentos".

## Crescimento deve ser harmonioso

Vasculhando há cinco anos os quatro cantos do Distrito Federal no levantamento minucioso de identificar "testemunhos históricos", não há quem entenda mais de monumentos locais do que a arquiteta Briane Panitz Bicca, coordenadora de uma respeitável equipe vinculada a um nome comum: Grupo de Trabalho para Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Brasília, criado em 1981, e que conta com a participação de técnicos da UnB, do Ministério da Cultura e do GDF. Na pesquisa abrangente que vem fazendo, o grupo tem colhido subsídios valiosos a respeito de referências culturais da cidade. Sobre a Praça dos Três Poderes, por exemplo, obteve a resposta popular de que aquele logradouro é de grande valor histórico para a cidade e que se constitui num marco para a orientação dos recém-chegados.

— "A Praça dos Três Poderes é apenas um trecho do conjunto de Brasília que deve ser preservado. Nossa grupo vem estudando a preservação não só de Brasília, mas também de todos os bens dentro do território do Distrito Federal", explica Briane.

Gaúcha de 40 anos, 16 dos quais vividos em Brasília, com o curso de doutorado tirado na França, Briane Panitz Bicca prefere falar ao repórter assessorada por dois jovens arquitetos de sua equipe, Márcio Viana, de 29 anos, e Yeda Virginia Barbosa, de 27. Deixando bem claro que não pode fazer uma abordagem sobre a Praça dos Três Poderes sem falar no contexto brasileiro, ela lembra que o desenho da criação de Brasília foi concebido dentro dos princípios que nortearam o urbanismo da década de 50, isto desde o Congresso Internacio-

nal de Arquitetura Moderna, em Atenas (1933). E ressalta a influência histórica:

— "O Congresso Internacional de Arquitetura Moderna lançou todos os princípios da arquitetura moderna e do urbanismo. Então sob esses princípios se calcaram os desenhos de Brasília. Esses grandes espaços não são espaços de uso popular, de uso do cidadão. São espaços muito maiores para contemplar os monumentos. Isso é uma coisa que aos poucos Brasília está tentando corrigir".

A arquiteta do Pró-Memória cita como tentativa dessa reparação do desenho original "o esforço popular por exemplo, de apropriação da Torre de Televisão que foi muito grande que teve muita reação há uns tempos passados. Hoje aquilo já passou para o domínio público". Menciona o encaminhamento do calçamento da Torre até a Rodoviária. E acrescenta:

— "Nós temos a impressão de que com o passar do tempo o povo de Brasília vai usar, vai conquistar outros espaços também. O que poderia haver é o poder público dar uma mãozinha para ser realizada essa conquista, reforçar um pouco, colocar mais equipamentos".

Aponta como exemplo a Esplanada dos Ministérios, onde a vida dos funcionários que trabalham naqueles enormes edifícios é bastante dificultada pela falta de transporte fácil, pela falta de um mercadinho para comprar frutas.

— "Por que não se criar algum espaço de lazer pros funcionários na hora do almoço, criar uma ambientação mais adequada, criar mais sombra, criar mais bancos pra pessoas poderem sentar? Até nos fins de semana pra pessoas poderem ir lá. Também contemplar, mas

— "Nós temos a impressão de que com o passar do tempo o povo de Brasília vai usar, vai conquistar outros espaços também. O que poderia haver é o poder público dar uma mãozinha para ser realizada essa conquista, reforçar um pouco, colocar mais equipamentos".

Aponta como exemplo a Esplanada dos Ministérios, onde a vida dos funcionários que trabalham naqueles enormes edifícios é bastante dificultada pela falta de transporte fácil, pela falta de um mercadinho para comprar frutas.

— "Como todos já deviam saber, o museu que está na Praça dos Três Poderes já está tombado, tombamento que delimitou uma área de entorno desse museu, exatamente no limite da praça em si sem envolver as edificações".

Com esse argumento, ela garante que há uma forma legal para se tomar integralmente a Praça dos Três Poderes, excluindo o Mastro da Bandeira. Sobre o Panteão diz que há o risco de se transformar o logradouro em mostruário de monumentos, tais são os pedidos de deputados para que sejam inseridos naquele local outros monumentos, como um busto a Tiradentes e o monumento ao "Escravo Desconhecido". Quanto à Casa de Chá, Briane Panitz Bicca sugere:

— "Na Casa de Chá precisa ser criada uma ambientação melhor para cativar o povo, porque aquilo fica muito isolado no meio daquele deserto, não cativa as pessoas para irem lá. É preciso se criar uma ambientação melhor para que as pessoas se habituem a usar aquele espaço".

— "Na Casa de Chá precisa ser criada uma ambientação melhor para cativar o povo, porque aquilo fica muito isolado no meio daquele deserto, não cativa as pessoas para irem lá. É preciso se criar uma ambientação melhor para que as pessoas se habituem a usar aquele espaço".

— "Acho que essa idéia de

— "Acho que essa idéia de